

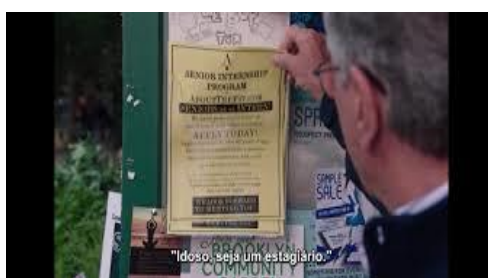


Direção de Nancy Meyers; EUA; 2015

APOSENTADORIA E CONTEXTOS DE TRABALHO: UMA ANÁLISE FÍLMICA

Este artigo é fruto do Projeto Tela Crítica: o mundo do trabalho através do cinema, elaborado pelo prof^o Giovanni Alves da UNESP, que visa discutir as relações de trabalho através do cinema, numa perspectiva hermenêutica, e que também é trabalhado pela prof^o Fernanda Nummer na UFPA. Através do filme *Um Senhor Estagiário* vamos trazer à discussão em torno do significado do trabalho para os indivíduos e da ausência dele para os aposentados, o retrato de como a ausência do mesmo pode repercutir na vida do aposentado perante sua percepção como indivíduo incluído na sociedade, como isso pode comprometer o sentido de sua vida, ou seja, em como o trabalho dá sentido à sua vida.

DESCRIÇÃO DO FILME



Um Senhor Estagiário é um filme lançado em 2015, cuja direção é de Nancy Meyers, e retrata a realidade vivida pós-aposentadoria e seus impactos no indivíduo e no seu reconhecimento como tal, trabalha ainda questões de gênero por conta do enredo do filme que é tomado pela empresa dirigida por uma mulher, que tenta se dividir em uma jornada dupla, do trabalho e da casa, cujos entraves também são tratados no filme. A ascensão de microempresas e do *boom* da internet enquanto mercado, a ascensão das *startups*, também

poderiam ser tomados como temas. O filme se passa em Nova York, especificamente no ambiente da empresa de *e-commerce* SobMedida e tem como protagonistas Ben Whittaker (Robert de Niro), o estagiário e Jules Ostin (Anne Hathaway), a CEO.

A narrativa do filme começa com um relato de Ben, quanto à sua condição de vida pós-aposentadoria, relatando que sua mulher havia falecido, e que desde então tinha feito inúmeras viagens para ocupar seu tempo, aprendido inúmeras coisas, como cozinhar e falar mandarim, mas que ainda assim não se sentia satisfeito, completo e principalmente, útil. Fica bem claro a necessidade do personagem em se sentir útil e de como isso dava sentido à sua vida antes de se aposentar, principalmente após, como já relatado, ele ter buscado esse sentido em outras coisas, que não o trabalho, e não ter encontrado.

De fato, é interessante perceber o quanto essa questão da utilidade é essencial à Ben, não só pelo seu próprio perfil, tradicional e disciplinado, que entra em contraste com o da empresa, que possui nuances mais descontraídas, característicos das *startups*, mas também da necessidade que o mesmo começa a ter dentro da própria empresa, quando se vê apenas esperando por alguma direção de Jules, e a mesma não dando retorno, comprometendo diretamente essa necessidade de disciplina que o personagem deixa claro ter. Assim, ele passa a procurar o que fazer, de ser útil para os demais trabalhadores da empresa, fazendo de tudo, buscando se sentir, provavelmente, parte da empresa.

Tamanha proatividade, disfarçando essa necessidade de Bem, chama a atenção de Jules, que o percebe como útil de fato, não só por ajudar os outros, mas principalmente por ter feito algo que ninguém na empresa havia feito e que a incomodava muito, que era o acúmulo de coisas em cima de uma mesa bem no meio da empresa. Ben simplesmente chega uma hora mais cedo no trabalho e limpa a bagunça, e acaba impressionando ela. É justamente a partir daí que as coisas começam a mudar entre eles, pois ela passa a não vê-lo mais como uma obrigação por conta de dar exemplo aos funcionários, mas alguém que de fato pode auxiliá-la, conforme a sequência de acontecimentos na narrativa e a aproximação dos mesmos, principalmente pelo momento na vida pessoal em que Jules estava passando, de muita pressão e da terrível possibilidade de ter que ser substituída por um CEO.



Pouco a pouco, a proximidade entre eles, preenche a vida de Ben, não só no sentido profissional, que claramente também faz parte da realização pessoal do personagem, já que ele mostra que precisa ser útil para se sentir alguém ainda, para ter sentido em sua vida, mas também porque a rotina do trabalho, lhe reservou uma grande surpresa, ao encontrar um possível novo amor em seu ambiente de trabalho, Fiona (Rene Russo). É nítido que ele fica mais aberto a ideia de um novo amor, depois de preencher essa necessidade gradualmente, já que no início do filme, há uma cena em que uma vizinha tenta flertar com Ben, e ele desconversa e evita o jantar proposto por ela.



A utilidade, no sentido da ideia de ainda poder servir para fazer algo, possuir um ofício – que muitas vezes é perdida pelos aposentados, por passarem a deixar de trabalhar e assim se sentirem inúteis e até mesmo um estorvo para suas famílias é algo muito recorrente, e no caso de Ben, se torna ainda mais delicado, porque a falta da rotina de seu trabalho acrescida da falta de sua mulher, também mostra uma realidade do quanto podem se sentir sozinho e sem sentido em suas vidas, é justamente o cenário tratado no filme. A volta a uma rotina dá a Ben, a sensação de se sentir vivo, não só pela possibilidade do exercício do ofício mas também, da própria sociabilidade de seu local de trabalho, das redes de relações que passou a fazer ali. Exatamente como ele mesmo se categoriza que é mesmo uma “*espécie de tiozão de todo mundo ali*”. Ele faz novos laços não só por dar lições de vida e ajudar a todos, mas porque passa a cativar e a ser cativado por alguns, aflorando também seu instinto paterno, seja quando abriga um de seus amigos em sua casa ou quando cuida da filha de Jules e da própria Jules também. É perceptível que ele encontra através da sociabilidade que o trabalho lhe proporciona, inúmeros papéis sociais a exercer também.



Papéis esses, que perante os entraves da vida de Jules que moldam o cenário do filme, se misturam com o cenário da necessidade de Ben em continuar útil após sua aposentadoria, e que na sequência seguem com o mesmo ajudando ela à enxergar, uma vez que a mesma se encontrava em um duelo consigo mesma, que não existe ninguém além dela própria para comandar a empresa que criou, e que seus problemas conjugais não se resolveriam com ela abrindo mão disso e que tão pouco seria feliz com isso, porque ela amava o que fazia e isso fazia parte dela. O que também demonstra a ideia de que ela também possuía a mesma necessidade de Ben, do trabalho para se sentir plena e realizada e que abrir mão do mesmo em benefício de sua vida pessoal, por assim dizer, não a deixaria plenamente feliz e realizada.

O enredo termina com Jules conseguindo enxergar isso e seu marido também, de tal forma que o mesmo declara, em uma cena dramática e romântica devido ao seu final, que ela não precisaria abrir mão de comandar sua empresa para que pudessem ficar juntos, que havia ali outros meios e acertos que não implicavam nisso. E assim, pede uma chance para que fizessem isso junto, sem ela ter que abrir mão de algo essencial para si. A cena final do filme é Jules contando o acontecimento a quem se tornou seu melhor amigo Ben. O contexto desta cena final é simbólico, pois Ben havia tirado folga do trabalho e encontrava-se em sua aula de tai chi, que Jules também teve de praticar para conseguir falar com ele. O tai chi é uma das artes do equilíbrio, então todo esse contexto da cena depois de toda a narrativa da trama, é como se realmente eles tivessem chegado a um equilíbrio.



ANÁLISE DE TRABALHO EM NOSSA SOCIEDADE E A REFORMA DA PREVIDÊNCIA

Pensar na questão do trabalho necessita de uma ampla reflexão acerca de todos os conceitos que engloba, como o espaço e o próprio tempo, por exemplo. Desde a origem da humanidade até a essa nova era que vivemos, o conceito de trabalho vem sofrendo inúmeras alterações.

Da época do Império Romano até o Renascimento, o trabalho era considerado como algo inferior, desprezível. Por conta da origem latina da palavra *tripalium*, que designava algo como um instrumento de tortura, sustentado por três estacas. E cuja concepção sustentava a ideia de obrigação (para ganhar a vida), subordinação (a um empregador, cliente, etc) e uma fonte de sofrimentos (físicos e mentais), a tortura em si (DUBAR, 2012).

Com a evolução das sociedades, essa concepção foi perdendo força e ganhando novos conceitos. Como, por exemplo, a ideia de que o trabalho é um conjunto de atividades realizadas; um esforço feito por indivíduos, com o objetivo de atingir uma meta; atenção empregada na realização ou fabricação de alguma coisa; o produto que foi construído, desenvolvido ou elaborado. Segundo Marx, a valorização do trabalho, é a forma de suprir nossas necessidades básicas, um ato histórico já que a relação no mesmo se baseia na interação com o outro, a sociabilidade, e na luta para tirar o sustento da natureza. Logo, o trabalho é a produção da própria vida material (MARX, 1996).

Segundo Dubar (2012), quer sejam chamados de “ofícios”, “vocações” ou “profissões”, o trabalho não se reduz à troca econômica de um gasto de energia por um salário, mas muito além disso, possuem uma dimensão simbólica em termos de realização de si e de reconhecimento social, tal qual como é percebido no filme *Um Senhor Estagiário*. É por e em um processo específico de socialização, ligando educação, trabalho e carreira que essas identidades se constroem no interior de instituições e de coletivos que organizam as interações e asseguram o reconhecimento de seus membros como “profissionais” (DUBAR, 2010).

Além disso, a vida de trabalho é feita ao mesmo tempo, de relações com parceiros inseridos em situações de trabalho, marcados por uma divisão do trabalho, e de percursos da vida, marcados por imprevistos, continuidades e rupturas, êxitos e fracassos. A socialização profissional é, portanto, esse processo muito geral que conecta permanentemente situações e percursos, tarefas a realizar e perspectivas a seguir, relações com os outros e consigo,

concebido como um processo em construção permanente, exatamente como demonstrado no enredo do filme de diversas formas e perspectivas.

Contudo, além da necessidade de se reconhecer como indivíduo através o trabalho como foi discutido aqui e retratado no filme, existe uma questão que circunda a questão da aposentadoria atualmente, no Brasil. A questão da Reforma na Previdência tem provocado muitas críticas e angústias, por conta de prever uma aposentadoria bem mais tardia do que a em voga e condições especiais extintas para parentes e afins, o que nos leva a refletir até a questão da obrigação, como um reflexo de retrocesso talvez, perante essa obrigatoriedade tão longínqua, onde o trabalho pode acabar perdendo o sentido de fazer determinado indivíduo e acabar tornando-se obrigação, um fardo a ser carregado, uma sina, por conta da ideia de que talvez já estivesse muito tarde para que os indivíduos possam gozar de sua aposentadoria. E que embora possa haver o outro lado, de que existem aqueles que não só gostem de trabalhar para se sentir bem consigo mesmo, como o caso do filme, ainda assim, é uma questão de escolha, de continuar trabalhando após sua aposentadoria, que com essa reforma, poderia até deixar de existir, considerando que para que se aposentar com 65 anos, teria que se começar a contribuir com 16 anos.

Esse é apenas um dos pontos mais cruciais que englobam a reforma e tornam essa diferença na escolha e na obrigação, no mesmo espaço temporal, um assunto contraditório. Seria solução encontrar um equilíbrio? Mas onde encontrar esse equilíbrio em todo esse tempo de trabalho? Como conciliar? É difícil de imaginar um plano estratégico, sem se conformar que todos estarão fadados a viver uma vida inteira de trabalho praticamente, e não por livre escolha, mas porque foi instituído que assim seria. É uma questão delicada porque no Brasil, os indivíduos atrelam a ideia de aposentadoria com equilíbrio para aproveitar sua vida, muito embora essa ideia também seja desconstruída por outro lado, por aqueles que passaram a optar por usufruir de planos que seriam futuros no presente mesmo, dando pouca importância a essa concepção de estabilidade. Existe então, um claro impasse quanto ao que fazer diante disso. A maioria dos trabalhadores brasileiros não são representados pelo personagem Ben, não chegam a sua aposentaria com saúde e renda para continuar trabalhando, mas sentem-se inúteis perante uma sociedade que não valoriza seu tempo de trabalho, suas memórias e suas conhecimentos adquiridos, não possui políticas de inclusão social dos idosos saudáveis a novas atividades produtivas nem políticas de proteção aqueles que precisam de melhores condições de vida.

REFERÊNCIAS

DUBAR, Claude. **La Crise des identités**: l'interprétation d'une mutation. 4. ed. Paris: PUF, 2010.

DUBAR, Claude. **A construção de si pela atividade de trabalho**: a socialização profissional. Cadernos de pesquisa, v.42, n° 146, 2012.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural. livro i, v. 1, 1996.

BIANKA DAS NEVES BRAUN RABELO

Graduada em Relações Internacionais/UNAMA e graduanda em Ciências Sociais/UFPA